

# Crónica | *Avô, estraçalho bem o pão...?*

Meu avô paterno viveu nos presságios até conseguir convencer-me. Acreditei sempre que viveu dessa precariedade depois foi morrer há muito enquanto variadas estradas continuam em dar no mesmo e quase conseguiram esconder-me essa morte que sempre soube não morrer em nenhuma delas. Atravessou-as com jeito até cantaroladas e artesão que foi. Hoje revejo-me tender nisso

Mas nunca as ouvi gritadas, sequer alguma vez molestado nas insónias de minha avó paterna. Afinal meu avô foi alma penada. Algo me diz ainda penado nas variadas estradas. Mas em nenhuma delas continua para morrer. Vem-me ainda ao mundo atempado desde que nasci para o conhecer lembro bem que é hoje - *muito gosto, Sr. Avô...* ele desalinhado nas regras e rédeas curtas com a bola de trapo nas mãos afagar-me o cabelo mas eu insistia



também. Diversas vezes repreendas na família por teimar andar atrás de estorninhos, andorinhas do mar, ou fazer guitarras de madeira até simular pais natais sobre capoeiras de galinhas da índia para regalo dos netos. Ouvia-as cúmplice quase escondido ver um adulto prevaricar condutas desacertadas ou lá o que eram. Escondido atrás da saca do pão ou do livro envolvido nas mãos do meu avô.

- *foi um privilégio Sr. Avô... estar aqui em receber-me...* vamos brincar aprender coisas era quando comprávamos pão fresco madrugada ensonada na beira do lago com peixes sobre a falésia na baía de Luanda. Prontamente ele arranhava as moedas a cantarolar significados da troca na importância do valor, mas eu tentava extorqui-lo em desbarato, no miolo quentinho saído dos fornos atraírem ao balcão os meus bicos dos pés

- *mais um pãozinho os peixes D. Aurora vão ler connosco...* no nosso lago onde meu avô teimava sentarem passados e presentes, e sempre no mesmo banco ensinar-me alhear a luas e ventanias que falassem, eles quase amestrados aprenderem letras soletradas no miolo multiplicado. Esfrangalhávamos o pãozito para atirar ambos amiúde às boquinhas dos peixinhos. Por vezes as madrugadas eram dolorosas. Lembro acordar para soletrar letras depois do empapado de pão. Com meu avô habituei o corpo madrugar a comprar pão e acordar peixes. Ainda hoje, uma padaria para mim é lugar que preserva consciência que molda sacrifícios para estarmos vivos. Para sermos vivos.

Nos dias que meu avô trazia um livro a coberto da saca do pão em pano sabia que pão, letras e magia, eram sempre segredo para não morrer. Tentava esconder-me atrás dele nem que fosse por acreditar que as letras eram muralhas fortes, contavam coisas e como os pais nos resguardam do céu e os avós da lua, então, um pai é um céu e um avô uma lua, depois sabemos que entre ambos começa tudo povoar-se de pontinhos brilhantes era quando o sorriso matreiro do meu avô advertir-me incerteza da minha inteligência:

- *adivinha qual a letra? esse pão tem partes iguais? habitua-te a repartir justo*

e os peixinhos a soletrarem eu de indicador por baixo das letras quase a fugir para me esconder atrás do livro atribulado de sonhos fazer dele o esconderijo perfeito ainda que fique de nariz de fora. As mãos ver-se-ão sempre!

- *avó serei feliz atrás do livro?* ele desalinhado nas regras e rédeas curtas exemplificava-me como estilhaçar correcto o pãozito - *vês? tenta ser justo quando repartires isso é nobre porque humilde, reparte justo...*

Regressávamos a casa com pão a menos. Ele sonhava ter sempre adivinhação convincente

- *neto, as mãos ver-se-ão sempre* Prometeu-me ensinar bem a letra A, vai ser árduo. É já amanhã... Deito-me com andorinhas do mar.

**Paço de Arcos, Agosto 2009**